



resenhas

ECO-PÓS 2003

O fascinante universo dos DJs

Márcio Souza Gonçalves

Claudia Assef nos convida, em seu *Todo DJ já sambou: a história do disc-jóquei no Brasil*, a participar de uma viagem a um universo complexo e movente, com seus heróis, suas histórias, sua dinâmica própria: o universo dos DJs ou disc-jóqueis. As surpresas reservadas para a viagem são muitas, sobretudo para os que não participam diretamente do circuito brasileiro dos clubes de dança e da música eletrônica. Vejamos rapidamente alguns elementos desse mundo a ser descoberto.

O modo de trabalho e o estatuto do DJ se alteraram radicalmente desde o surgimento da profissão. Inicialmente o DJ era uma figura anônima e oculta cujo papel central era trocar discos longe das vistas do público dançante, o DJ era em suma uma “orquestra invisível”. Aqui surge o nome do primeiro DJ brasileiro, pioneiro entre os pioneiros: Osvaldo Pereira, originalmente técnico de rádio. Lentamente, o DJ vem para o centro da cena, seu nome ganha importância, até hoje ocupar lugares destacados em clubes, tocando de frente para a platéia. O deslocamento no espaço do salão ou da boate corresponde a um deslocamento na escala de valorização social.

A relação dos DJs com as equipes de som também passou por transformações significativas na curta história desses personagens no Brasil. A importância se deslocou progressivamente da equipe para os DJs. A situação em que o DJ é apenas um funcionário anônimo da equipe, funcionário cujo nome raramente aparecia - “o nome, a grife, era a equipe, ninguém nem chegava, a saber, o nome do DJ” (p. 120) - está longe. O lento processo de individualização fez do DJ o centro da atenção.

Paralelamente a essa valorização do DJ, sua prática musical se transforma, de modo que o DJ se torna cada vez mais uma espécie de compositor. Da simples troca de discos com uma pausa silenciosa entre uma canção e outra (tanto menor quanto mais competente for o disc-jóquei), chegamos ao mixer e à possibilidade da passagem insensível de uma música à outra (tanto mais insensível quanto melhor o DJ). A intervenção sobre as músicas foi o passo seguinte: “As primeiras experiências com a arte de reconstruir músicas aconteceram no rádio. Ao requisitar DJs para dar uma cara mais radiofônica às músicas, as emissoras serviram de estágio para que os profissionais das pick-ups dessem um largo passo à frente” (p. 125). Fazendo de início uma intervenção concreta e mecânica sobre as fitas-cassete, com o uso de uma gilete para cortar, o DJ finalmente passa do rádio para as gravadoras, “que começaram a ler ‘big money’ na testa dos DJs” (p. 126). De trocador de discos a “cirurgião plástico musical”, remixador, produtor... uma longa trajetória cujos nomes mais ou menos anônimos o

ASSEF,
Claudia,
*Todo DJ já
sambou: a
história do
disc-jóquei
no Brasil*

São Paulo,
Conrad,
2003.

livro de Cláudia tem o enorme mérito de recuperar.

Uma dimensão importante do ofício de DJ é a de divulgador cultural, tomando essa expressão em dois sentidos diferentes. Divulgador cultural, em primeiro lugar, por ser um forte transmissor de culturas específicas dentro do ambiente social amplo (a cultura Hip Ho por exemplo, cf. p. 117). Mas um DJ é também o divulgador de sua própria profissão e, nesse sentido, um formador de novos DJs. É impressionante perceber, com a ajuda de Cláudia, que no universo dos DJs existe uma preocupação pedagógica intensa, que envolve cursos de formação mas também filiações e relações pessoais de mestria. O DJ Ricardo Lamounier “foi um dos primeiros a demonstrar o desejo de formar novas gerações de DJs” (p. 66). Para o novato que quer se formar DJ, a referência aos grandes é constante. A mestria e a exemplaridade, tão desacreditadas no mundo atual, encontram no universo dos DJs um refúgio. Cláudia nos conta: “O precursor Osvaldo abandonou a carreira de DJ no final dos anos 60, mas viciou no ramo cerca de vinte herdeiros, representantes da família Pereira. O primeiro mordido pelo vírus DJ foi o sobrinho, Zé Carlinhos, que começou como ajudante do tio e, nos anos 60, acabou se tornando um famoso DJ de black. Além de ter filhos DJs, como Tadeu – hoje um respeitado discotecário de nostalgia –, Osvaldo é tio de um ídolo da black music, Grandmaster Ney, que ficou conhecido como DJ da lendária equipe de Chic Show. “Tenho o maior orgulho da minha árvore genealógica”, diz Ney. Não é pra menos” (p. 25).

A rivalidade, tema igualmente importante quando se trata de pensar a formação social dos humanos, se apresenta diretamente no mundo dos DJs, e se apresenta especialmente em uma vertente positiva e necessária. DJ KL Jay: “Eu e o Edy Rock vivíamos indo um na casa do outro, porque eu tinha parte do equipamento, e ele, o resto. A gente queria ver quem era o melhor nas mixagens, então vivia brigando. Com isso, eu me animei em ficar treinando. Ele sugeriu que a gente montasse um grupo” (p. 121).

É igualmente surpreendente a penetração social diferenciada dos diversos movimentos musicais que fazem parte do universo dos DJs. Rigorosamente falando, são vários os universos musicais, todos coexistindo nas grandes metrópoles brasileiras. Comentando o movimento jungle, Patife, um dos maiores DJs nacionais, diz: “nos Jardins, ninguém estava sabendo do jungle. Mas lá nas vilas, tinha fila toda noite na porta da Sound Factory, Arena, Overnight...” (p. 183).

A riqueza e diversidade musical dos diversos movimentos que compõem o mundo dos DJs se traduzem numa variedade de nomes estranhos ao leigo, nomes que indicam estilos de música: jungle, house, trance, drum’n’bass, tecno... Entre esses diversos movimentos, relações complexas de oposição, de filiação, de transformação. No início dos anos noventa, por exemplo, “a música eletrônica se dividiu em duas facções: o house e o tecno”

(p. 155). Cláudia Assef traça de modo competente um grande panorama dessa história musical.

Um dos grandes méritos do livro é apresentar, no decorrer de seu texto, diversas entrevistas com personagens importantes na história brasileira dos DJs, o que nos dá acesso direto à voz dos envolvidos. Cabe mencionar igualmente o glossário final.

Dentre as curiosidades altamente improváveis que o texto nos revela, temos o nome do cantor do primeiro Rap do Brasil: a versão brasileira de “Rapper’s Delight”, que em português se transformou em “‘Melô da Tagarela’, cantada (ou melhor, falada) pelo comediante/cantor Luiz Carlos Miele. Bizarro, hein?” (p. 116). Alias, temos nesta curta citação um exemplo do estilo jornalístico extremamente leve e pessoal da escrita de Cláudia. Podemos ouvir sua voz por detrás das letras.

A projeção internacional de alguns DJs brasileiros, desconhecida da maioria do público, chama a atenção. A música “LK”, por exemplo, parceria dos DJs brazucas Marky e Xerxes, “tornou-se obrigatória para qualquer DJ de drum’n’bass. Em novembro de 2002, ‘LK’ alcançou o oitavo lugar na parada britânica de singles de dance music e se tornou carro-chefe do V Recordings, o mais sólido selo de drum’n’bass do Reino Unido. No ranking geral de vendas, o disco chegou ao 17º lugar, colocação mais importante que um artista brasileiro já alcançou até hoje” (p. 16).

O livro de Cláudia pode ser lido por todos. Pode ser lido por DJs interessados em conhecer a história do movimento e para quem essa consciência do passado certamente pode desempenhar um papel bastante positivo; pode ser lido pelo teórico interessado em fazer pesquisas aprofundadas sobre esse aspecto tão importante para as culturas jovens contemporâneas, e para quem *Todo DJ já sambou...* pode funcionar perfeitamente como texto de contato inicial e de abertura de horizontes; pode ser lido, finalmente, pelo leitor médio - essa ficção que na realidade nos define a todos nós em nossa existência cotidiana -, que certamente terá momentos de prazer e surpresa acompanhando essa narrativa do percurso desses nossos batalhadores brasileiros.

Todo DJ já sambou é uma ótima introdução a esse vibrante microcosmo que envolve os DJs, suas músicas, seus públicos. Microcosmo cuja complexidade e riqueza nada deixa a dever à cultura mais ampla na qual se insere.

Se o livro é uma “*história do disc-jóquei no Brasil*”, trata-se de um dos mais interessantes tipos de história, uma história do presente, que nos revela facetas de nós próprios desconhecidas e intrigantes.

MÁRCIO SOUZA GONÇALVES é professor da Faculdade de Comunicação Social da UERJ.